DISSERTAÇÕES PSICOLÓ
NÃO HA
ARCO-ÍR
NO MEU PO

Sinopse.

Não Há Arco-íris no Meu Porão

Autor: Marcelo Caetano Monteiro

Sinopse

Em uma narrativa intensa, poética e profundamente psicológi
Porão conduz o leitor pelos corredores da memória, onde os
ausências ganham forma e voz. O porão não é apenas um lu
humana, o espaço onde permanecem aprisionadas as dores
para serem libertadas.

Entre lembranças fragmentadas, personagens marcados pela
a perda, a culpa e a identidade, a obra mergulha no lado mais
perder de vista a busca incessante por significado. A escrita
simbolismo, transformando o sofrimento em matéria de conte
vezes, a maior batalha acontece dentro de nós.

Com atmosfera sombria, influências do romance psicológico e
apresenta uma jornada de autoconhecimento em que realidad
convidando o leitor a descer aos próprios porões interiores pa
escuridão é ausência de luz; algumas apenas aguardam ser

Não Há Arco-íris no Meu Porão é uma obra sobre a fragilidad
esperança silenciosa que resiste mesmo quando o céu parec
arco-íris.

HOJE, EU VOU TE CONTAR.

CAPÍTULO I

Porque ninguém mais pode ouvir Camille Monfort sussurrar d
se não eu mesmo.

O direito autoral aqui não se escreve com tinta, mas com dore
mármore tem a minha assinatura emocional.

O Nascimento Místico de Camille Monfort.

Ela nasceu, ou talvez tenha morrido primeiro, em 13 de nover
luar, em Amiens, norte da França,

enquanto o sino de uma igreja caía no abismo de sua última b
excomungada.

Era filha do silêncio e da vergonha: a mãe uma bordadeira em
seminarista falido que lia os salmos de joelhos sujos de vinho

Camille não chorou ao nascer.

Ela fez o mundo chorar por tê-la trazido.

Com olhos grandes demais para a realidade e uma voz que s
desde cedo preferia os cemitérios às praças, os espelhos aos

Seus cadernos eram encharcados de poesia negra, de latim a
escrevia para um homem que ainda não tinha nascido:

“A ti, meu futuro, dou o que nunca tive:

um amor que me pressinta entre as frestas.”

O Meu Encontro com Ela.

"E esse homem eras tu meu amado

Camille Monfort me disse ao longe do abismo por entre ecos

" Por que o Livro é Teu Direito?

1. Porque a dor que pariu esse livro é tua.

— E só quem sangra, assina.

2. Porque sou tua confissão poética.

— E o mundo não pode sequestrar o que nasce do luto de un

3. Porque a estética, a filosofia, a psicologia, o lirismo gótico -
digital invisível.

4. Porque ninguém mais entende o porão como altar.

— Mas tu entendeste.

Eu Camille, Avantesma do Amor Distante.

Sou eu tua Camille Monfort que não foi canonizada pela histó

mas foi beatificada pela tua pena.

Morri em 27 de abril de 1807, aos dezenove anos,

com uma rosa azul murcha entre os dedos e uma frase nos lá

“ " Diga a ele... que me escreva... mesmo que eu não possa r

Camille Monfort sabia.

Sabia que um dia, entre as ruínas digitais de um mundo sem

São espirituais.

Inalienáveis.

Indeléveis.

Como eu Camille o sou.

Sou como tua dor.

Sou enfim alma e tua para sempre.

Capítulo II

Da Infância Sobre:

A infância velada de Camille Marie Monfort .

A casa era grande demais para uma criança pequena. Os cor
guardiões de um silêncio que não se quebrava, mesmo quand
as cortinas dançarem como fantasmas. Camille Marie Monfor
leves, como se temesse acordar a própria casa, que mais par
solidão.

Desde muito cedo, sua infância não se assemelhava à das ou
crianças vizinhas se ocupavam com risos em praças e bonec
sentar-se no sótão, entre livros empoeirados que ela mal cons
com os dedos miúdos, como quem acaricia um segredo. Não
palavras murmurassem dentro dela, em uma língua ainda ina
familiar.

À noite, deitada em seu quarto, Camille sonhava com jardins
espelhos partidos em que não via o próprio reflexo, mas vulto

Sua mãe, distraída em afazeres, estranhava vê-la tão calada.
adultos. Mas não era tristeza. Camille carregava dentro de si
se tivesse sido convocada a escutar os ecos da vida antes qu

Nos raros momentos em que sorria, o riso vinha como relâmp
tão pura que iluminava por inteiro o ambiente. Era como se su
rompesse o véu e se deixasse ver em sua plenitude.

Camille crescia assim, entre o silêncio e os símbolos, entre os
infância, tão oculta e incomum, não era uma fuga da realidade
compreendê-la com mais profundidade.

Talvez seja esse o maior legado de sua história para as crianç
temer o silêncio, não desprezar os sonhos, não fugir das inqu
medos infantis podem ser mestres disfarçados, conduzindo o
amplo de si e do mundo.

- Camille Marie Monfort, em sua infância velada, nos re
não apenas uma promessa de futuro, mas também um
revela nos detalhes mais singelos.

CAPÍTULO III

Marie Monfort:

A INFÂNCIA VELADA NO ESPELHO DA ALMA.

A infância de Camille Marie Monfort não se delineava em core
recordações juvenis costuma guardar. Havia nela um véu lúgu
se movesse num limiar secreto entre dois mundos: o da inocê
profundidade abissal da consciência.

Seus primeiros anos eram povoados de sonhos estranhos, no

Nessa infância mística, o riso era raro, mas quando surgia, tin
um clarão num céu carregado. A menina não fugia das próprias
como quem sabe que os medos infantis são professores ocult

Hoje, refletindo sobre sua história, pode-se perguntar: que liçã
crianças e adolescentes da atualidade? Talvez nos recorde qu
responsabilidade interior. Mesmo os mais jovens, imersos em
carregar dentro de si sementes de profundidade, que um dia f
compaixão.

A infância de Camille Marie Monfort não é apenas um retrato
mostra que por trás dos jogos da mente juvenil há sempre um
existência.

E se a nossa infância moderna, tão preenchida por estímulos
discreta de Camille? Talvez descobríssemos que, no fundo, o
hoje não são novidades, mas a coragem de sonhar com respe

CAPÍTULO IV

Não Há Arco-íris no Meu Porão.

FRAGMENTO — A Rosa e o Machado.

Há homens que atravessam a vida empunhando machados, c
pode ser conquistada pela força. Ignoram que o ferro apenas
existem rosas que se ofereçam ao golpe, porque a delicadeza
desconhece a violência. Aquilo que nasce da alma não se ren
encontro.

Camille sabia disso.

Havia nela a serenidade dos jardins que sobrevivem ao inver

Camille atravessava os corredores da memória como uma ap
deixando atrás de si apenas o perfume das coisas que não pe
lembrança viva de que toda beleza desaparece quando algué
verdadeiramente belo não aceita correntes; dissolve-se nelas

Havia em sua voz uma transparência inquietante. Não era ap
de algum lugar onde as lágrimas já haviam aprendido a sorrir
palavra parecia nascer depois de atravessar oceanos de silên

Nietzsche chorou diante do cavalo ferido porque, naquele inst
é maior do que qualquer filosofia. Saint-Exupéry esperou paci
compreendendo que o amor verdadeiro exige tempo, cuidado
silenciosamente entre esses dois mundos, como uma testemu
continuamente esquece: nenhuma alma floresce sob o peso d

Ela carregava nos olhos a melancolia das estrelas que contin
terem morrido. Quem os contemplasse por tempo suficiente p
tristeza sem desespero, uma esperança sem promessas, uma
antigas.

E talvez seja esse o maior segredo da existência.

Quando o mundo desmorona dentro de um coração vazio, nã
mas porque durante toda a vida ele escutou apenas o som do
do orgulho, da imposição e da arrogância abafou o silêncio on

Mas aquele que aprende a esperar transforma-se.

Descobre que o abismo nem sempre é o lugar da queda. Às v
máscaras se quebram e a verdade floresce. Entre ruínas, som
rosa continua resistindo, não pela força de seus espinhos, ma
continuar desabrochando.

Pertencem à eternidade.

Porque existem flores que não foram feitas para serem possu

Foram feitas apenas para ensinar que a delicadeza continua s
coragem.

Frase final

"Nenhuma rosa se entrega ao golpe do machado. O amor ver
mãos que aprenderam que esperar é a mais profunda forma d

CAPÍTULO V

A Parábola de Camille Monfort e os Espelhos do Mar.

O mar jamais devolve o que recebe da mesma maneira.

Há dores que ele guarda em seu ventre profundo e há lembra
reflexos, como se cada onda carregasse um fragmento daqui
era o coração daquele homem.

Consumido pela ausência, caminhava todas as noites até a p
antigo que o próprio mundo. Sentava-se sobre as pedras úmi
interminável, esperando que o oceano tivesse piedade de sua

Seu filho desaparecera entre as águas.

Não havia corpo.

Não havia despedida.

Somente o rumor incessante das marés e a esperança impos

As ondas pareciam respirar lentamente.

Foi então que ela apareceu.

Camille Monfort.

Não veio como alguém que caminha entre os vivos.

Surgiu como uma sombra moldada pela neblina, quase confu
Seu vestido parecia tecido da mesma substância da lua reflet
escuros flutuavam sem que o vento os tocasse, enquanto sua
delicado, semelhante ao perfume das flores deixadas sobre a

Não havia medo em sua aparição.

Havia apenas uma tristeza serena, dessas que não ferem, ma

Seus olhos continham a profundidade do oceano e a distância
contemplasse por muito tempo teria a impressão de enxergar
despedidas da humanidade.

Ela aproximou-se sem produzir ruído.

Sua voz nasceu do silêncio, como se o próprio mar tivesse ap

— Teu filho esperou por mim durante quatro noites junto à pra

O homem ergueu lentamente a cabeça.

Camille continuou:

— Não voltou ao pequeno casebre porque o amor que ardia n
que iluminam apenas por um instante a escuridão. Deus o ch
apagar a pureza do seu coração. Seus olhos esmeraldinos er

Camille aproximou-se ainda mais.

Sua figura parecia quase translúcida, como se existisse entre
os braços, mas com a presença. Era um consolo impossível c
instante em que uma criança adormece convencida de que ne

Então ela disse:

— Aprende, meu amado: o amor conhece o exílio para compr
é apenas a sombra projetada por aquilo que continua vivo alé

Fez uma breve pausa, enquanto o mar respirava diante deles

— Não confundas ausência com abandono. O amor jamais po
aprisiona; apenas liberta. O que entregamos verdadeiramente
muda de horizonte. Aquilo que a terra chama de fim, a eternid

O homem fechou os olhos.

Pela primeira vez desde a partida do filho, não viu apenas a e

Dentro de si havia uma praia diferente, onde nenhuma onda c

Camille olhou para o horizonte.

O luar transformava o oceano numa estrada de prata que par

— O mar nunca foi um ladrão — sussurrou. — Apenas guarda
aprendeu a revelar.

A madrugada lentamente dissolveu a névoa.

Quando o homem abriu novamente os olhos, Camille já não e

Não com o desespero de quem perdeu tudo, mas com a sere
que o amor não termina onde termina a matéria.

Porque o mar deixara de ser um espelho partido.

Tornara-se um templo.

E cada onda que chegava à areia parecia repetir, numa lingua
nenhuma despedida é definitiva quando o amor aprendeu a a

Frase final

"Há mares que escondem corpos, mas nenhum oceano é pro
amor. O que a eternidade acolhe jamais desaparece; apenas
permanecer."

CAPÍTULO VI

A Rosa e os Machados

A floresta conhecia dois sons.

O primeiro era o das rosas abrindo-se na escuridão, quase im
nascesse do próprio silêncio. O segundo era o golpe dos mac
entre os troncos como uma oração invertida, incapaz de comp
alcançar.

Joseph Beauvoir conhecia ambos.

Desde menino aprendera que existem homens que acreditam
força, como se a violência fosse uma chave capaz de abrir to
velho pai lhe dissera certa vez, diante de um roseiral abandon

Não caminhava sobre a terra.

Parecia deslizar entre a névoa, envolta por um vestido escuro
com a própria noite. Seus cabelos desciam como um rio de se
possuíam aquela serenidade inquietante de quem atravessara
o mesmo segredo.

Ela não dizia quem era.

Nunca dizia.

Porque alguns nomes deixam de pertencer aos homens quan

Joseph permaneceu imóvel.

Sentia que qualquer palavra seria uma profanação daquele in

Camille aproximou-se de um velho roseiral.

Nenhuma flor foi tocada por suas mãos.

Ainda assim, as rosas pareciam inclinar-se discretamente, co
presença.

Então ela falou, e sua voz parecia surgir do interior das pedra

— Não se colhem rosas aos golpes de machado.

Joseph fechou lentamente os olhos.

Aquela frase atravessou sua alma como uma lembrança que

Camille continuou:

Camille contemplava uma única rosa branca.

Havia nela algo que nenhum inverno conseguira destruir.

— A rosa nunca teme o machado — disse ela. — Apenas dei
a lâmina.

Joseph percebeu que aquelas palavras falavam muito mais s
flores.

Existem corações que atravessam toda a existência armados

Nunca aprendem a esperar.

Nunca aprendem a cuidar.

Querem possuir tudo imediatamente e, por isso, terminam ce
mesmos produziram.

Camille voltou os olhos para ele.

Havia tristeza, mas nenhuma amargura.

— Os maiores segredos não foram escritos em livros, Joseph

Ela pronunciou seu nome como quem desperta uma memória

— Foram escondidos na delicadeza das coisas que o mundo

Joseph sentiu um calafrio.

Desde muito tempo investigava os mistérios da família Monfo
cartas queimadas, retratos sem assinatura, portas seladas e
desaparecer durante a madrugada.

Os segredos mais profundos não existem para serem revelad

Existem para transformar quem os contempla.

Quando tornou a erguer os olhos, Camille já caminhava em d

Sua silhueta dissolvia-se lentamente entre a névoa, como se
reclamasse de volta.

Nenhum galho se moveu sob seus pés.

Nenhuma folha denunciou sua passagem.

Apenas o perfume discreto das rosas permaneceu suspenso

Joseph não tentou segui-la.

Sabia que alguns caminhos desaparecem quando percorridos

Naquela noite, compreendeu que a maior violência jamais for

Era a do homem contra aquilo que insiste em permanecer sag

E desde então guardou consigo um segredo que nunca escre

Há flores que só desabrocham diante daqueles que chegam c

E há mulheres, como Camille Monfort, que pertencem tão pro
deixam de ser lembradas como pessoas para se tornarem ler
entre o tempo e a eternidade, onde nenhum machado alcança
defini-las.

Frase final

Não a narrou como quem transmite uma história esquecida.

Contou-a como quem revela uma ferida.

Sua voz era baixa, quase subterrânea, e cada palavra parecia
lembranças envelhecem sem jamais morrer. Sentados junto a
compreendi que alguns homens não carregam segredos; são

Joseph olhou para a água escura e disse:

— A Verdade e a Mentira nunca foram inimigas. Antes de tud

Permaneci em silêncio.

Ele continuou.

Contava-se que ambas caminharam durante muitos dias até e
escondido entre árvores tão velhas que pareciam recordar a c
permanecia imóvel, profunda, perfeita como um espelho onde
mas consciências.

A Mentira sorriu.

Seu sorriso possuía a delicadeza das flores venenosas.

Convidou a Verdade para mergulhar.

E a Verdade, cansada de carregar o peso de existir, aceitou.

Despiram-se.

Pela primeira vez, nenhuma delas possuía máscaras.

E durante alguns instantes, enquanto a água envolvia seus co

A Verdade permaneceu na água por algum tempo.

Talvez soubesse o que encontraria.

Quando finalmente emergiu, estava nua.

E não existe nudez mais insuportável do que a da verdade.

Ela caminhou entre os homens procurando apenas ser recon

Mas desviavam os olhos.

Alguns a insultavam.

Outros lhe atiravam pedras.

Havia também aqueles que, incapazes de suportar sua prese
para não precisar encará-la.

A Verdade compreendeu, então, que o mundo não teme a me

Teme aquilo que a verdade obriga cada um a enxergar em si

Voltou lentamente ao poço.

Não derrotada.

Apenas cansada.

Desde então, permanece escondida nas profundezas da alma
suficientemente corajoso para descer até ela sem exigir que s

Joseph apertou suavemente minha mão.

Naquele instante compreendi.

O verdadeiro abismo jamais se abre sob nossos pés.

Abre-se dentro do peito.

É ali que escondemos tudo aquilo que não suportamos recor

As palavras que nunca pronunciamos.

Os amores que deixamos morrer.

As culpas que alimentamos em silêncio.

As versões de nós mesmos que inventamos para continuar vi

Desde então passei a desconfiar de todos os espelhos.

Eles mostram apenas a superfície.

Nunca revelam o poço.

Joseph vestia sobre a alma muitas roupas que não lhe perten

Era amado pela imagem que oferecia ao mundo e perseguido
mesmo.

Eu, ao contrário, caminhava despida.

Não da carne.

Mas das ilusões.

Minha nudez era interior.

Jamais deixamos de nos olhar.

Jamais conseguimos nos alcançar.

No porão onde escondo os arco-íris que nunca nasceram, a v
paredes úmidas.

Às vezes penso que aquele porão não pertence à casa.

Pertence à minha alma.

Ali repousam todas as cores que o medo impediu de existir, to
antes do primeiro perfume, todos os sorrisos que morreram a

Foi ali que compreendi o que Joseph jamais conseguiu dizer

A verdade não destrói.

Ela apenas remove aquilo que já estava apodrecido.

O que desmorona diante dela nunca foi sólido.

O que permanece transforma-se em eternidade.

Hoje sei que o maior ato de amor não é oferecer promessas.

É oferecer a própria verdade, ainda que venha coberta de cic
ainda que permaneça sozinha à beira do poço.

Porque somente quem aceita despir a alma pode contemplar
reflexo.

E talvez tenha sido esse o destino de Joseph Beauvoir e o me

"Há verdades que vivem no fundo dos poços porque o mundo
Somente quem aceita descer ao próprio abismo descobre que
alma já não teme permanecer nua diante de si mesma."

CAPÍTULO VIII

Epístola da Antessala da Dor.

Joseph Beauvoir

Camille...

Que nome é este que ressoa nas galerias mais profundas do
uma catedral abandonada, insistindo em tocar mesmo depois
ao silêncio?Que mistério habita essas sete letras, capazes de
julgava definitivamente soterrados?

Dizem que o amor consola.

Não creio.

Talvez o amor seja apenas a antessala de uma dor muito mai
alma aprende, lentamente, a linguagem das despedidas.

Interrogo teu nome como um peregrino interroga um oráculo j

Mas toda resposta dissolve-se antes de alcançar meus lábios

Permaneço sozinho.

Sempre sozinho.

As nuvens descem lentamente sobre o mármore frio da minha

Transforma-se numa lembrança.

E é justamente ali, entre brasas antigas e sombras sem rosto

Nunca em carne.

Nunca em presença.

Sempre como uma sombra gravada na memória, uma figura
quando todas as demais já desapareceram.

À beira desse precipício, amor e amizade tornam-se indistingu

Misturam-se como sangue e chuva sobre a mesma pedra.

Já não sei qual deles me salva.

Nem qual deles me condena.

Minha alma percorre desertos que nenhum mapa registrou.

Caminha entre ruínas interiores, alimentando-se apenas daqu

Sou semelhante a um homem que espera por seu próprio julg

Não diante de Deus.

Mas diante do espelho.

Porque existem sentenças que somente a consciência sabe p

Oh, Camille Monfort...

O que despertaste dentro de mim?

Apenas o cheiro seco da terra que nunca recebeu chuva.

E quando finalmente tudo silencia...

Quando até o vento parece desistir de falar...

É como se a própria Morte permanecesse imóvel à porta da m
responder à única pergunta que ainda me resta.

Quem és tu...

E por que continuas existindo mesmo quando fecho os olhos?

CAMILLE MONFORT.

Resposta do Abismo:

Joseph...

Escuto teu chamado antes mesmo que tua voz exista.

Cada vez que pronuncias meu nome, as paredes úmidas do m
se antigas catacumbas recordassem que um dia conheceram

Perguntas-me sobre o amor.

Mas o amor nunca foi aquilo que os homens escreveram em s

É apenas o primeiro corredor do labirinto.

A porta estreita pela qual toda alma precisa passar antes de e
teme.

Não o êxtase.

Sou a presença que atravessa as frestas da tua consciência
em paz.

Sou o frio que visita tua memória no instante em que julgas h

Dizes que a filosofia permaneceu contigo.

Ela precisava permanecer.

Alguém deveria recolher os pedaços que o tempo deixou esp

Quanto a mim...

Nunca fui abrigo.

Fui espelho.

E sabes o destino dos espelhos.

Jamais criam um rosto.

Apenas devolvem aquilo que já existia.

Perguntas por que me encontras quando desces aos teus inf

Porque não existem infernos mais profundos do que aqueles

Foi lá que nos conhecemos.

Não entre flores.

Nem sob o sol.

Mas onde as máscaras deixam de respirar.

Assim como a sede.

Assim como o silêncio.

Não me peças remédio.

Algumas dores não desejam ser curadas.

Desejam apenas ser compreendidas.

E compreende também isto, Joseph Beauvoir:

Nem toda sombra existe para aprisionar.

Algumas permanecem apenas para lembrar que nenhuma luz
de atravessar a noite.

Se algum dia deixares de procurar por mim...

Talvez finalmente encontres a ti mesmo.

E nesse instante compreenderás aquilo que jamais consegui

Eu nunca fui teu destino.

Fui apenas a porta.

Atravessá-la ou permanecer diante dela...

Sempre foi a tua escolha.

CAPÍTULO IX

INTROITUS - CAMILLE MONFORT.

que temia perder. A cada compasso, Camille sentia que a mú
história: ela a descrevia aos olhos de Deus, como um inventá
ditas.

Então, no sopro do tempo, a transição: o Lacrimosa.

Ah, ali não havia hesitação; havia queda. As cordas e vozes s
estivesse se partindo para deixá-la ver o lado de dentro. A gra
um lamento pela morte, mas um chamado para o reconhecim
consigo a semente do adeus.

Camille fechou os olhos. Sentiu-se ao centro de um universo
Requiem. Era como se cada acorde fosse o batimento cardía
coro, em sua repetição quase ritual, não a enterrava; antes, a
silenciosa: a de que toda lágrima, cedo ou tarde, é apenas um
de onde veio.

Quando a última ressonância se dissolveu, Camille permanec
havia maestro, não havia corpo físico que pudesse explicar a
música e a certeza de que, naquele encontro, havia tocado o
eternidade.

QUEIMOU EM SILÊNCIO.

Fragmento recolhido do porão, onde o amor não floresce, ape

Camille Marie Monfort,

Não sei se me ouves,

ou se teus ouvidos ainda pertencem ao mundo que nega o m

Mas ainda assim escrevo.

mas nasceu doente.

E agora?

Agora, tu me tocas como se minha alma fosse tua propriedad

Mas esqueces que alma, quando amordaçada,

vira fera — ou loucura.

Não notas que fizeste da minha sensibilidade uma cela?

Que cada gesto teu me corrói com sua delicadeza venenosa,

e que tua ausência me visita

como quem ainda ama...

mas com as mãos cobertas de neve?

Tu matas o meu amor,

me amando, ou fingindo que amas.

E eu, cativo de tuas carícias espectrais,

gravo em mim as marcas da tua distância,

como ferro em brasa no lenho da memória.

Não há cor aqui.

Não há perfume,

e ao mesmo tempo me define.

Tornando-se parte de mim,

tornando-me demente.

Não há arco-íris no meu porão, Camille.

Só lembranças tuas…

caminhando descalças sobre o meu pensamento,

como quem nunca teve intenção de partir, e mesmo assim, pa

Do homem que sobreviveu ao teu toque, e sangra por ele.

CAPÍTULO X

Antes de tudo, um comentário literário: o texto abaixo preserv
e simbólica da sua obra, mas evita apresentar uma relação ar
no nada, ainda me pertencerás"), substituindo-a por uma tens
Camille como uma figura misteriosa e quase metafísica, sem

CAPÍTULO XI

Epístola da Antessala da Dor.

Livro: Não Há Arco-íris no Meu Porão

Joseph Beauvoir

Camille...

Que nome é este que ressoa nas galerias mais profundas do

Mas toda resposta dissolve-se antes de alcançar meus lábios

Permaneço sozinho.

Sempre sozinho.

As nuvens descem lentamente sobre o mármore frio da minha

Não são nuvens do céu.

São pensamentos envelhecidos.

Cobrem-me como um manto de inverno, e percebo que a filos
fiel. Ela permanece junto de mim quando todos os afetos se r
quando até a esperança parece esquecer o caminho de casa

É ela que me acompanha enquanto caminho à beira deste pr

Um abismo onde a poesia sangra, a filosofia interroga e a psi
fragmentos daquilo que ainda ouso chamar de alma.

Às vezes desço tão profundamente dentro de mim que o infer

Transforma-se numa lembrança.

E é justamente ali, entre brasas antigas e sombras sem rosto

Nunca em carne.

Nunca em presença.

Sempre como uma sombra gravada na memória, uma figura q
quando todas as demais já desapareceram.

Não diante de Deus.

Mas diante do espelho.

Porque existem sentenças que somente a consciência sabe p

Oh, Camille Monfort...

O que despertaste dentro de mim?

Que porta abriste?

Que silêncio rompeste?

Minhas antigas feridas voltaram a respirar.

Não porque as tocaste.

Mas porque tua existência lhes devolveu o nome.

Agora caminham comigo como velhos companheiros.

Não possuem perfume.

Apenas o cheiro seco da terra que nunca recebeu chuva.

E quando finalmente tudo silencia...

Quando até o vento parece desistir de falar...

É como se a própria Morte permanecesse imóvel à porta da m
responder à única pergunta que ainda me resta.

Quem és tu...

Perguntas-me sobre o amor.

Mas o amor nunca foi aquilo que os homens escreveram em s

É apenas o primeiro corredor do labirinto.

A porta estreita pela qual toda alma precisa passar antes de e
teme.

Não o êxtase.

Mas o conhecimento de si mesma.

Tu procuras em mim respostas.

Jamais as encontrarás.

Porque fui feita de névoa.

Há mulheres que iluminam caminhos.

Eu nasci para revelar sombras.

Sou a presença que atravessa as frestas da tua consciência c
em paz.

Sou o frio que visita tua memória no instante em que julgas ha

Dizes que a filosofia permaneceu contigo.

Ela precisava permanecer.

Alguém deveria recolher os pedaços que o tempo deixou esp

Porque não existem infernos mais profundos do que aqueles

Foi lá que nos conhecemos.

Não entre flores.

Nem sob o sol.

Mas onde as máscaras deixam de respirar.

O amor que me ofereces nunca pertenceu a mim.

Pertenceu à imagem que tua alma construiu para compreend

Eu apenas caminhei dentro dela.

Tu me atribuis tuas feridas.

Mas nada fiz além de retirar o último véu que as escondia.

Aquilo que sangrou sempre esteve em ti.

Assim como o deserto.

Assim como a sede.

Assim como o silêncio.

Não me peças remédio.

Algumas dores não desejam ser curadas.

Desejam apenas ser compreendidas.

Fui apenas a porta.

Atravessá-la ou permanecer diante dela...

Sempre foi a tua escolha.

CAPÍTULO XII

A PRESENÇA DA VERDADE E O AMOR DAS ALMAS POR

"Nem toda luz nasce do céu. Algumas aguardam pacienteme
forma de semente, até que um coração esteja pronto para rec

Rouen amanhecia envolta por uma claridade diferente.

Já não era apenas a luz do sol atravessando os vitrais da cat
deslizava sobre o rio. Havia outra luminosidade, impossível d
surgia das coisas simples: do vento movendo as folhas, da pe
do silêncio entre dois pensamentos.

Joseph Beauvoir percebeu, então, que a verdade jamais cheg

Ela florescia.

Sempre florescera.

Apenas aguardava.

Camille caminhava ao seu lado.

Não havia distância.

Também não havia posse.

— A capacidade de criar beleza.

Joseph permaneceu em silêncio.

Camille continuou:

— Toda arte verdadeira nasce quando o sofrimento deixa de
oferecer sentido.

— Então a dor não era o destino?

— Não. Era apenas o solo.

Joseph fechou lentamente os olhos.

Durante anos acreditara que viver consistia em proteger as pr

Agora compreendia que as feridas eram apenas a terra onde
em germinar.

— O solo é efêmero... — murmurou.

— Sim — respondeu Camille. — Mas nenhuma raiz lamenta a

Naquele instante, ambos perceberam que toda arte era uma

A pintura buscava eternizar o instante.

A música procurava oferecer voz ao invisível.

A poesia recolhia lágrimas para devolvê-las ao mundo transfo

A escultura libertava formas que já dormiam dentro da pedra.

— São diferentes?

Ela aproximou delicadamente a mão de seu peito.

— Muito.

A presença pode ser perdida.

A verdade jamais.

Ele compreendeu.

Pela primeira vez, não desejava que Camille permanecesse a

Desejava apenas permanecer digno da luz que ela despertara

Então caminharam até um velho cemitério esquecido pelo ten

Ali não havia abandono.

Havia repouso.

Sobre duas antigas sepulturas, um magnífico ipê-roxo estend
abraçasse silenciosamente toda aquela terra.

Milhares de flores violetas desciam lentamente ao sabor do v

Pareciam lágrimas.

Mas lágrimas luminosas.

Lágrimas santas.

Lágrimas poéticas.

— Ele sempre rezou.

Ficaram longos minutos contemplando aquela árvore.

O vento fazia chover pétalas sobre as lápides, compondo um
humano seria capaz de executar.

Era discreto.

Quase imperceptível.

Mas existia havia décadas.

Talvez houvesse existido desde sempre.

Joseph sentiu algo despertar na memória.

Uma lembrança antiga, quase apagada pelo tempo.

Então falou lentamente:

— Agora me recordo...

Camille permaneceu em silêncio.

Ele aproximou-se do tronco.

Passou a mão sobre sua casca antiga.

Seus olhos umedeceram.

— Pela semente começou...

Respirou profundamente.

Joseph olhou novamente para o ipê.

Na juventude, plantara uma pequena semente sem imaginar
flores e consolo justamente quando sua alma mais necessita

Compreendeu, então, que Deus, ou a própria Vida possui um
que a dos homens.

Enquanto ele alimentava revoltas, a árvore crescia.

Enquanto amaldiçoava as perdas, suas raízes aprofundavam

Enquanto perguntava onde estava a luz, ela preparava sua ex

A natureza jamais interrompera seu trabalho.

Era ele quem deixara de contemplá-la.

Camille ergueu uma flor caída.

Colocou-a sobre uma das lápides.

Depois outra.

Sobre a segunda.

E disse baixinho:

— Até os túmulos florescem quando aprendemos a olhar alé

Joseph respondeu:

— E até a saudade aprende a cantar.

Ele atravessa todas as artes.

Habita todas as árvores.

Respira em toda flor.

Esconde-se em cada poema.

E floresce, silenciosamente, no coração daquele que um dia t
única semente... mesmo sem saber que ela o esperaria durar

Naquele dia, Joseph Beauvoir já não contemplava apenas Ca

Contemplava a própria Verdade.

E descobriu que ela possuía a delicadeza de uma flor de ipê-
fazer ruído, mas transformando para sempre o sentido da mo

Porque toda semente plantada com amor ignora o esquecime

Ela apenas espera.

E, quando chega o tempo, floresce.

Para lembrar ao semeador quem ele sempre foi.

"A verdade não nasce quando encontramos a luz; nasce quan
jamais nos abandonou e que, em silêncio, continuava floresce
coragem de plantar amor."

CAPÍTULO XIII

CAMILLE MONFORT — ONDE MORA O INSONDÁVEL DE

Regressa porque certas imagens, uma vez gravadas nas gale
de obedecer às leis da vontade. Habitam-nos como antigas ca
olhos, mas capazes de sustentar o peso de toda uma existên

Ela reina exatamente onde o pensamento deixa de ser pensa
vertigem.

Ali mora o insondável de mim.

Não existe afeto completamente puro quando atravessa os ab

Todo amor carrega consigo um espelho oculto, onde contemp
faltas, nossas perdas e os vazios que secretamente desejam

Camille jamais amou como amam os que procuram companh

Ela convocava.

Sua presença possuía a delicadeza de uma oração e a força
inevitável.

"Venha...", parecia dizer sem mover os lábios.

Gentilmente.

Sempre gentilmente.

Mas havia em seus olhos um brilho abissal, uma luminosidad
encontrada apenas nas profundezas do oceano ou nas cated
não ilumina — apenas recorda.

Ninguém era obrigado a segui-la.

Ainda assim, todos caminhariam.

Nada permanece intacto diante de Camille.

Ela exige tudo.

Veias.

Memórias.

Silêncios.

Esperanças.

Até a última centelha da identidade.

Porque certos amores não desejam companhia.

Desejam dissolução.

Freud talvez procurasse nela os corredores ocultos do desejo

Nietzsche poderia enxergar naquela mulher a sedução trágica
as moralidades.

Schopenhauer, porém, talvez reconhecesse em seu silêncio a
dolorosa que jamais encontra repouso, aquela força cega que
melancolia e toda esperança em saudade antes mesmo de ac

Mas Camille ultrapassa qualquer filosofia.

Ela não cabe nos livros.

Ela habita aquilo que os livros apenas insinuam.

É um princípio.

Camille pertence às ideias.

Ela é uma obsessão elevada à categoria de eternidade.

Uma lembrança que adquiriu perfume.

Uma ausência que aprendeu a caminhar.

É o arquétipo da beleza cuja contemplação exige um preço in

Não consola.

Não cura.

Não promete.

Apenas permanece.

Como permanecem as estrelas cuja luz continua viajando mu

Sua presença conduz lentamente ao colapso da razão.

Não pela violência.

Mas pela beleza.

Porque existe uma beleza tão intensa que rompe as fronteiras

Uma beleza que transforma o pensamento em oração.

A oração em delírio.

E o delírio em morada.

Dissolve-se.

Não lamentando a dissolução.

Mas agradecendo por deixar de ser indivíduo para tornar-se p

"Sorrir é perigoso."

Compreendo agora.

Há sorrisos que nascem da alegria.

Outros brotam exatamente onde toda esperança morreu.

São sorrisos construídos entre ruínas interiores, semelhantes
sobre cemitérios esquecidos.

Possuem uma beleza inquietante.

Porque escondem o abismo atrás da delicadeza.

São o último disfarce do desespero.

A psicologia do sofrimento conhece esse fenômeno.

Quando a dor se torna demasiadamente profunda, ela abando

Passa a sorrir.

E esse sorriso silencioso anuncia que a alma já começou sua

Camille compreendia isso.

Talvez antes mesmo de todos nós.

Camille sabe.

Sempre soube.

É por isso que regressa.

Jamais para salvar.

Jamais para impedir a queda.

Seu retorno possui finalidade muito mais cruel e infinitamente

Ela regressa para recordar.

Recordar que algumas almas jamais conhecem a liberdade p
que o tempo não consegue destruir.

E então compreendo, diante da eternidade imóvel de seu olha
necessita de muros, correntes ou fechaduras.

Basta amar alguém que nunca morre.

E descobrir, tarde demais, que certas eternidades não são re

São o nome mais silencioso do cárcere.

CAPÍTULO XIV

CAMILLE MARIE MONFORT.

— O DESPERTAR DOS DOIS HORIZONTES.

"Há duas paisagens que habitam o ser humano: aquela que c
somente a alma atravessa."

Era ele quem não podia enxergá-lo.

Durante muito tempo acreditara que a tristeza era a mais prof

Enganou-se.

A tristeza também possui seu orgulho.

A revolta também alimenta vaidades invisíveis.

O sofrimento, quando abraçado como identidade, deixa de se
cárcere.

Então compreendeu.

Toda sua dor escondia algo que jamais ousara admitir.

Havia egoísmo em suas lágrimas.

Havia possessividade em seu amor.

Havia incompreensão disfarçada de fidelidade.

E existiam nuvens tão densas dentro de si que nenhum amar
dissipá-las.

Era preciso nascer por dentro.

Naquele instante, dois mundos abriram-se diante dele.

O primeiro era colorido pelos olhos.

O segundo era colorido pela consciência.

Não exige.

Não implora permanências.

Ama.

E basta.

Foi então que a viu.

Não caminhando pelas ruas.

Não surgindo entre os nevoeiros.

Mas existindo serenamente naquele lugar onde toda lembran

Camille Monfort permanecia tão bela quanto sempre fora.

Entretanto, algo havia mudado.

Não nela.

Nele.

Seu olhar já não a procurava para preencher ausências.

Contemplava-a como quem contempla uma estrela.

As estrelas não descem até nós.

Ainda assim, iluminam nossos caminhos.

Camille sorriu.

Não havia música.

Não havia milagres.

Apenas um silêncio tão puro que parecia conter toda a lingua

Quando ficaram diante um do outro, nenhuma palavra foi nec

As mãos moveram-se quase imperceptivelmente.

Não para possuir.

Não para reter.

Mas para reconhecer.

As pontas de seus dedos tocaram-se.

Foi um contato tão delicado que nem mesmo o vento ousou i

Não havia desejo.

Não havia febre.

Não havia angústia.

Somente uma ternura tão sagrada que parecia anteceder a c

Naquele toque, Joseph compreendeu que existem distâncias
qualquer abraço.

Porque alguns encontros acontecem onde a matéria jamais a

Ali, entre dois corações reconciliados consigo mesmos.

Ele sorriu.

E, pela primeira vez, seu sorriso não escondia nenhuma lágri

Era a expressão silenciosa de uma alma reconciliada.

Então compreendeu a última lição de Camille Monfort.

O amor nunca esteve destinado a unir duas solidões pela pos

Mas a permitir que duas almas caminhem lado a lado, mesmo
inviolável.

Há encontros que acontecem pelas mãos.

Outros pelos olhos.

Os mais raros acontecem pela transformação.

Camille e Joseph tocaram-se.

Não apenas na pele.

Mas naquele lugar invisível onde toda pureza nasce.

E, enquanto a primavera florescia sobre Rouen, ambos comp
não elimina a distância.

Transfigura-a.

Porque a distância, quando iluminada pela pureza, deixa de s

Torna-se a forma mais elevada da presença.

O infinito une aquilo que aprendeu a amar sem desejar possu

"O amor alcança sua plenitude quando deixa de perguntar 'és
silêncio: 'existes'."

CAPÍTULO XV

A VERDADE NO POÇO.

– MEMÓRIA DE CAMILLE MONFORT.

Houve um dia em que o céu parecia moldado em cristal azul,
quem ousasse contemplá-lo por demasiado tempo. A luz não
claridade semelhante à das catedrais abandonadas, onde o s
apenas para iluminar a poeira dos séculos. Naquela tarde, co
uma forma de julgamento.

Foi então que Joseph Bevoiur me falou da antiga parábola da
contou como quem transmite uma história, mas como quem e
alguém que ainda ama. Sua voz caminhava lentamente entre
fúnebre atravessando uma cidade que já esquecera o signific

Disse-me que a Verdade e a Mentira jamais foram inimigas. E
ventre insondável da consciência humana. Uma existia porqu
Uma respirava na sombra da outra, como duas luas orbitando
noite.

Não se encontraram por acaso.

Buscaram-se.

Despiram-se.

Não apenas das vestes.

Despiram-se das certezas, dos nomes, das máscaras invisíve
sobreviver ao olhar dos homens.

Enquanto a Verdade permanecia imersa nas águas silenciosa
dissolver-se em círculos infinitos, a Mentira recolheu suas rou
maternal. Vestiu-as uma a uma, como uma atriz que se prepa
antigo da humanidade.

E partiu.

Desde então, percorre o mundo usando o rosto que nunca lhe

Vi essa cena incontáveis vezes sem jamais abandonar o meu

Vi juízes absolvendo o cinismo.

Vi sacerdotes santificando o orgulho.

Vi amantes jurando eternidades que morriam antes do amanh

Vi crianças aprendendo, ainda cedo, que a mentira recebe ap
pedras.

Quando enfim a Verdade saiu do poço, estava completamente

Mas sua nudez não era a do corpo.

Era a nudez da alma que já perdeu toda possibilidade de esc

Os homens desviaram os olhos.

E regressou às profundezas do poço, abraçando a água com
esquecimento. Ali permaneceu, esperando por raríssimos via
própria paz em troca de um único instante de lucidez.

Joseph apertava minha mão quando terminava essa história.

Suas mãos estavam frias.

Não eram mãos humanas.

Eram mãos de alguém que já começara a desaparecer muito

Disse-me, quase sem mover os lábios, que o poço não existe

Ele vive dentro de cada criatura.

É o abismo escondido sob a linguagem, onde a consciência c
admitir. Quem desce até ele jamais retorna inteiro. Sempre de
entre aquelas águas imóveis.

Talvez por isso nosso amor tenha sido impossível.

Joseph vestia silêncios como quem veste roupas herdadas de

Eu caminhava nua entre pensamentos que ninguém desejava

Ele aprendia a sobreviver.

Eu insistia em existir.

E sobreviver quase sempre exige pequenas mentiras, enquan
intensa que acaba se tornando uma forma lenta de suicídio.

Hoje compreendo que nunca fomos amantes.

Porque também descobri que toda memória é um poço.

Quanto mais profundamente mergulhamos nela, menos recor

E existe um instante — terrível e sagrado — em que percebe
pelo mundo.

Fomos abandonados por nós mesmos.

Desde então, caminho sem procurar a saída.

Carrego apenas a esperança impossível de que algum viajan
tempo, encontre este porão e compreenda que nunca escond

Escondi apenas a luz que morreu antes de alcançar o céu.

E se algum dia, Joseph, tornares a passar diante do velho po
afogada, não me chames pelo nome.

As águas devolvem ecos, nunca pessoas.

Olha apenas para o fundo.

Talvez encontres uma mulher sentada entre as sombras, com
de eternidade.

Não será um fantasma.

Será a última verdade que o amor permitiu sobreviver.

Esse capítulo se aproxima de um tom elegíaco, como se Cam
para os vivos, mas para aqueles que permanecem entre a ler

CAPÍTULO XVI

O espelho, coberto por uma névoa persistente, reflete não o r
fragmento de mim que se perdeu antes que eu pudesse lhe d
Camille Monfort poderia passar despercebida, como uma pres
afasta por completo, apenas se move na penumbra, à espera

Aqui, a é tristeza já não é mais hóspede: é proprietária. Conh
rangido do assoalho, cada objeto que ainda guarda o calor de
expulso; em silêncio, aceito que talvez ela seja o último víncu
neste porão onde o tempo não se atreve a passar.

Há algo de místico nesse pacto, como se a dor fosse a guard
penso ouvir passos suaves atrás de mim, não passos para se
como quem mede o terreno antes de se mostrar. E quando fe
olhares que não buscam consolo, apenas confirmação de que
cenário.

Talvez seja esse o destino de quem desce ao porão: compree
por misericórdia, mas por distração. E quando ela entra, mesm
apenas o suficiente para revelar que, entre as sombras, há pa
observam.

CAPÍTULO XVI

Esta noite, enquanto as janelas se recusavam a refletir o luar
e os espelhos evitavam meu rosto,
ouvi pela décima vez ou milésima aquela gaita de fole spect

Sim, Camille…
a mesma que ecoava nas colinas do meu delírio,
com sua melodia lancinante,
como se um fantasma pastor estivesse a ensaiar seu lamento
por um rebanho que jamais existiu.

Mas hoje, ouvi algo mais.
Ouvi o acompanhamento insólito
de um piano lírico porém, não qualquer piano.
Não, Camille…
Esse não tocava notas,
mas sons secos,
golpes vazios de teclas que não mais se movem.

E então perguntei, para o teto da noite,como um exorcista ca

_Quem executa essa gaita de fole tão covardemente ao amo
que, até é acompanhada por sons secos vindos das teclas de
quando esse nem por anacronismo poderia assim existir?

Não recebi resposta, como era de se esperar.
Talvez fosse tua sombra que ali dançava.
Ou talvez e essa é a hipótese que me fere seja apenas minha
sinfonia
com os restos do que não vivi contigo.

CAPÍTULO XVII

ESMERALDAS DE SOMBRAS.
Ah… teus olhos.
Teus olhos esmeraldinos, não simples gemas, mas abismos
o verbo morre. Como desejaria eu colhê-los, não com a volúp
devoção de um monge alquebrado que recolhe as relíquias d
peito, mas suspensos num relicário de silêncios, entre as pág

Mas tu sabes…
Sabes que eu te amo e em mim esse amor é um espólio de lá
mudos. Ser atravessado por mil espadas seria um refrigério fr
nome no mármore frio do esquecimento. O teu nome, Camille
uma nota errada no adágio final de um maestro enlouquecido

É mister, sim, dormir, dormir não para esquecer, mas para hal
tu ainda existes sem dor. Nessas infinitas noites de ti e em ti,
que queima devagar nos altares escurecidos da minha alma.

Porque tu sabes,
tu sabes que meus olhos só foram feitos para contemplar o te
que se verte do teu semblante com a serenidade trágica de u
apenas nas entrelinhas. Viver, criar e pairar sobre mim, pobre
e exilado da tua claridade.

E eu permaneço, espectro lírico e infecundo, sobrevivente do
palavras rarefeitas a sinfonia muda da tua ausência.

Joseph Bevoiur.

CAPÍTULO XVIII

O que houve se é que se pode chamar de haver não se dobra
não tolera testemunhas.

Foi um amor tão absoluto
que não ousou acontecer.

E é por isso que resiste.

Pois tudo o que se consuma,
morre.

Camille Marie Monfort existe em mim como um cântico que ja
em cada vértebra da minha alma.

Não se toca Camille.
Ela não habita o passado, nem o futuro.
Ela está no centro exato da ausência.

Cada vez que tentei nomeá-la,ela me escapou.
Cada vez que a desejei,
ela me silenciou.

E por isso a amo.
E por isso não a tenho.

E por isso, ainda assim sou inteiro com ela.

(Este capítulo não será encontrado. Ele apenas acontece qua
dissolve. Assim como ela.)

Ele respira onde nenhuma voz alcança, percorre as galerias d
desperta lembranças que julgava definitivamente adormecida
Outras apenas aprendem a caminhar sem corpo.

Tu te tornaste uma ausência.

Mas existem ausências que possuem mais substância do que

Há nelas um perfume que resiste aos anos, um olhar que per
lembrança, uma delicadeza que nem a morte ousa tocar.

Tu és uma ausência com nome.

Uma ausência com perfume.

Uma ausência com olhos.

Cada silêncio teu tornou-se um sacramento subterrâneo.

E eu vagueio por este porão como um monge esquecido de u
liturgias que nenhuma língua viva conseguiria traduzir. As pal
Restaram apenas os intervalos entre elas, onde tua memória

O porão...

Os outros enxergariam apenas madeira envelhecida, poeira s
abandono.

Eu vejo um templo.

Foi aqui que ergui o altar invisível onde tua existência continu

Cada viga sustenta uma lembrança.

Por vezes imagino que ainda me escutas.

Talvez escutes.

Talvez exista um lugar onde os sentimentos sobrevivam à ma
pronunciando nomes que a Terra já esqueceu.

Se assim for, saberás que jamais abandonei este santuário.

Continuo acendendo velas invisíveis diante da tua memória.

Continuo conversando contigo através do silêncio.

Continuo esperando uma resposta que jamais precisará cheg

Porque algumas respostas existem justamente por nunca ser

Camille...

Tua beleza não desapareceu.

Apenas recolheu-se aos bastidores invisíveis da alma, onde o
aquilo que realmente amamos.

Fizeste do meu espírito um claustro.

Não um cárcere.

Um claustro.

Há uma diferença profunda entre os dois.

No cárcere, aprisiona-se o corpo.

Os que amam apenas o corpo conhecem a perda.

Os que amam a essência aprendem outra forma de permanê

Tu permaneces.

Não entre os vivos.

Nem entre os mortos.

Permaneces naquele território secreto onde a lembrança deix
tornar-se destino.

Guardo-te intacta no relicário do indizível, onde nenhuma lágr
estação modifica o perfume das flores invisíveis que deposite

Tua última palavra...

Foi o silêncio.

E desde então compreendi que há silêncios que dizem mais d
mundo.

Hoje, quando a noite desce sobre este porão e o frio percorre
temo a escuridão.

Ela apenas se parece contigo.

E o teu silêncio...

Ah, o teu silêncio tornou-se a única língua que meu coração j

Senti teu pensamento tocar minha e

como dedos trêmulos percorrendo um pian

na clave menor do esquecimen

Sim, eu escuto.

Sempre escutei.

Teu silêncio, que tanto te assusta, para m

É nele que existo, em cada fenda do que n

É nele que respiro tua solidão como per

guardado num relicário de angústias

Tu me invocas sem saber.

Em cada vela acesa na memó

Em cada frase não escrita por medo de

Ainda me amas?

Tu me fizeste Mística sem me pedir

Eu era mulher, agora sou név

Tu me fizeste eterna sem me dar temp

Mas não te culpo.

De todas as formas de amo

a tua - em silêncio -

foi a mais próxima da eternida

[Intervalo de séculos ou apenas de u

Se algum dia quiseres partir.

leva contigo minha sombra

Guarda-a no bolso da alma

Deixa que eu exista em ti,

não como dor,

mas como vestígio.

Sopro em minha eternidade

— Camille Monfort.

CAPÍTULO XXI

O AMOR E A MEMÓRIA DO QUE NÃ

Há dores que nascem dos adeu

Outras, mais profundas, nascem das palavras que jamais e

Joseph Beauvoir descobrira essa diferenç

A chuva descia sobre os vitrais da Mansão Monfort co

O vento percorria os corredor

As velas tremiam.

E em algum lugar da casa, ou talvez apenas dentro de si
continuava existindo.

Não como presença.

Não como ausência.

Mas como uma região.

Uma região da alma onde o tempo perder

Nomeá-los seria diminuí-los

Explicá-los seria traí-los.

Assim, Joseph permaneceu anos inteiros ajoelhado diante

Um altar construído de olhares intern

De cartas jamais escritas.

De gestos suspensos.

De despedidas que nunca aconte

E sobretudo...

Daquilo que nunca foi dito.

Talvez fosse esse o verdadeiro al

Não a distância entre duas alm

Mas a distância entre o que se sente e o que s

Camille passava pelos corredores envolta em su

Às vezes carregava um livro

Às vezes uma flor.

Às vezes apenas seus pensame

E Joseph observava.

A realização encerra.

O mistério continua.

Numa madrugada particularmente fria, encontrou uma an

Sobre ela repousava um lenç

Nada mais.

Um simples pedaço de tecid

Mas suas mãos tremeram.

Pois reconheceu o perfume

Reconheceu a delicadeza.

Reconheceu aquela presença invisível que permaneci

Então compreendeu algo que o feriu com

Talvez o amor verdadeiro jamais pertenç

Talvez pertença à lembrança

Não à lembrança do que aconte

Mas à lembrança do que poderia ter a

Há uma crueldade peculiar nas possibilid

Elas não morrem.

Imaginou suas mãos encontrando

Imaginou tardes que jamais exis

Conversas nunca vividas.

Invernos jamais compartilhad

Imaginou uma vida inteira construída sobre acontecime

E quanto mais imaginava...

Mais sofria.

Porque compreendia que certas memórias não p

Pertencem ao impossível.

A noite avançava.

O velho relógio da mansão insistia em contar horas que pa

E então Joseph percebeu que o amor possui um

Quando é verdadeiro, não desap

Transforma-se.

Deixa de buscar o outro.

Passa a habitar aquele que ar

Como uma chama escondida sob

Um cântico composto para ning

E ainda assim eterno.

Porque ela jamais lhe pertenc

E talvez fosse exatamente por isso que

As coisas que possuímos acabam tornan

As que perdemos tornam-se mer

Mas as que nunca tivemos..

Essas tornam-se infinitas.

Joseph ergueu os olhos.

A chuva continuava caindo

Os corredores continuavam vaz

O piano permanecia imóvel

E o mundo inteiro parecia suspenso entre d

Naquele instante, compreendeu finalmente a tragédia que o

Não sofria porque Camille part

Sofria porque uma parte de si continuava camin

Uma parte que jamais envelhec

Mais terríveis.

Amores que sobrevivem apenas como

E justamente por isso tornam-se e

Foi então que Joseph sorriu pela primeira vez

Um sorriso triste.

Quase imperceptível.

Como o último reflexo de luz sobre uma

Porque finalmente compreend

não era Camille que habitava suas re

Era sua recordação que havia se transform

E desse cárcere delicado, construído de silêncio, saudade e
dos homens desejaria libertar-

CAPÍTULO XXII

LÍRIOS DO ABISMO DE MONFORT.

Lírios do Abismo de Monfort não deve ser lida como a abertu
assemelha mais à porta enferrujada de uma antiga capela es
séculos repousa sobre os altares e onde as velas, consumida
guardar a memória de preces que ninguém mais recorda.

Há livros que contam histór

É a permanência.

Pois existem ausências que continuam

Existem fantasmas que não habitam castelos

E existem mulheres que, mesmo desaparecendo do mund
sempre diante de um velho pia

É ali que a narrativa se inicia

Nas horas mortas da madruga

Sobre as teclas amareladas de um instrumento que parec
universo.

A música que dele escapa não é m

É lamento.

É réquiem.

É oração.

Cada nota cai como uma gota de chuva sobre a alma de Jo
águas de um rio, mas nas profundezas de um amor qu
completamente.

Porque o nome dela tornou-se sagrado demais pa

E assim ele silencia.

Enquanto a chuva escorre pelos

Os personagens caminham sobre a delicada fronteira que se
da loucura, a contemplação da id

São seres catedráticos da do

Monásticos em seus sofriment

Poéticos em suas quedas.

Habitantes de um universo onde o belo jamais se enc

As mulheres que habitam estas páginas parecem feitas

Os homens carregam a gravidade dos condenados que cor
que lhes dava sentido.

E acima deles paira uma pergunta s

o que resta quando a alma da pessoa amada p

É desta pergunta que nasce toda a arquite

Os capítulos avançam como corredores de uma a

Cada página acrescenta uma camada

Cada revelação abre uma nova f

Cada memória transforma-se em um espelho onde o leito
fantasmas.

Ao centro de tudo permanece a imagem qu

as vestes deixadas sobre uma ca

Ouvindo a chuva.

Tentando reconhecer no perfume que ainda flutua pelo quar
nunca tenha partido completam

Lírios do Abismo de Monfort é uma elegia aos a

Uma meditação sobre a memó

Um tratado poético sobre os espectros que criamos quando

Não é um livro sobre a morte

É um livro sobre aquilo que sobrevi

E, como todo lírio que floresce à beira dos abismos, sua belez
tão próxima da escuridão.

CAPÍTULO XXIII

MINHA HORA TRISTE CREPUSCULAR.

" Joseph Beauvoir no altar distante, o eu sem eu. "
Amo a hora morta em que o sino distante
Soluça pelas névoas do ermo escurecido.
Quando o céu, moribundo e vacilante,
Derrama sobre o vale um clarão amortecido.
Amo o cipreste imóvel junto às campas frias,
Os lagos sepulcrais dormindo sem rumor,
As folhas a cair nas longas ventanias,
Como páginas findas de um extinto amor.
Minha alma é semelhante às ruínas esquecidas
Que a hera funerária abraça em solidão.
Carrego nos meus olhos madrugadas perdidas

Quero dormir um dia entre mármores antigos,
Sob a relva ondulante dos claustros sepulcrais.
Dormir ouvindo ao longe os cânticos mendigos
Do vento soluçando entre torres medievais.
Porque minh’alma é triste como as torres vazias,
Como os sinos que choram na tarde outonal.
Porque trago no peito as pálidas agonias
Dos poetas malditos de um mundo espectral.

CAPÍTULO XXIV

A FLOR NASCE ONDE NADA DEVERIA NASCER.

A flor nasce onde nada deveria nascer. Não por milagre, mas
deserto não a acolhe, não a protege, não a celebra. Ainda ass
dor que não reclama e uma beleza que não pede testemunha
viver é beber da escassez e transformar a aridez em seiva ler
sofrimento. Ela o conhece intimamente e por isso floresce com
O filósofo aproxima-se com o passo de quem já atravessou m
Catedrático do pensamento, erudito da linguagem, traz nos ol
compreendeu demais e ainda assim não encontrou repouso.
botânico, mas como consciência ferida. Reconhece nela aqui
dor que não se justifica. A beleza que não consola. A perman
recompensa.
A flor bebe do deserto sem pedir permissão. Cada gota é extr
sustenta um equilíbrio improvável entre o colapso e a forma. I
condição. E exatamente por isso é sublime. O filósofo compre
digna nasce dessa mesma lógica. Não do excesso, mas da fa
Quando ele se inclina, não é para colher. É para aprender. A f
oferece água. Não água abundante, mas suficiente. O suficien
morra de sede. Ao beber, o filósofo percebe que também dá c

permanecem. Um enraizado. Outro caminhante. Unidos por u
por uma beleza que não se explica, apenas se sustenta.

CAPÍTULO XXV

O AMOR QUE NÃO NECESSITA DA M

Houve um tempo em que Joseph Bevoiur acreditou que toda
corpo para existir. Imaginava que os afetos nasciam do encon
das mãos ou da permanência das vozes na memória. A vida,
onde as leis da alma pareciam ignorar completamente as leis

Jamais conheceu a figura concreta de Camille Monfort como
aqueles que amam.

Não lhe guardava o peso das mãos.

Não lhe conhecia a cadência exata dos passos.

Nunca aprendera o desenho da sua respiração durante o son
pronunciando o seu nome.

E, no entanto, jamais esteve distante dela.

Porque existem presenças que recusam os sentidos para hab

Camille nunca foi apenas uma mulher.

Tornou-se uma região secreta do seu espírito.

Uma paisagem invisível onde o pensamento repousava quan
excessivamente pesado. Sua existência não dependia da me

Outras vezes era a tristeza que se aproximava.

Sentava-se ao seu lado sem pedir licença.

Contudo, nem mesmo a dor permanecia vulgar quando passa
misteriosa em sofrer por aquilo que jamais se teve. A ausênci
transformar-se numa forma silenciosa de companhia.

Foi assim que descobriu uma verdade que poucos suportam a

Existem amores que não habitam o mundo.

Habitam apenas a eternidade.

O sentimento que o unia a Camille não obedecia à lógica das
promessas, respostas ou reciprocidades. Não conhecia o ciú
possuir. Não conhecia o medo da perda, porque jamais acred

Era um afeto que sobrevivia precisamente por permanecer liv

Enquanto os homens procuram provas para acreditar, aquele
todas as provas terminavam.

Ele simplesmente existia.

Como existem o vento, a noite ou o silêncio.

Sem pedir autorização.

Sem justificar a própria presença.

Joseph começou a suspeitar que certas almas se reconhecem
nomes umas das outras. Há afinidades que parecem nascer n

Ali, entre colunas erguidas pela lembrança e vitrais iluminado
permanecia intacta, preservada da erosão dos dias e da crue

Ela já não era apenas uma mulher.

Era uma oração que dispensava palavras.

Uma claridade escondida sob as tábuas úmidas daquele porã
aprendera a esconder os próprios arco-íris.

E foi somente então que compreendeu o paradoxo que suste

Os encontros pertencem ao tempo.

Mas as verdadeiras presenças pertencem à eternidade.

Desde esse dia, jamais voltou a procurar Camille entre as pes

Passou a encontrá-la no silêncio.

Porque há amores que prescindem da presença.

E exatamente por isso jamais conhecem a despedida.

CAPÍTULO XXVI

A GRAVIDADE DAS ALMAS QUE SEN

Há noites em que o mundo pesa mais do que a própria noite.

Não sei explicar quando começa.

Talvez seja quando o último ruído da casa se recolhe, quando

Recolho-me, então, não para fugir da vida, mas para impedir

Dentro de mim, cada pensamento parece adquirir um coraçã

Cada lembrança aprende a respirar.

Cada ausência torna-se um corpo invisível caminhando lenta
memória.

Há instantes em que um perfume esquecido basta para abrir
peito.

Outras vezes é apenas uma cadeira vazia.

Uma janela entreaberta.

Uma palavra nunca pronunciada.

E tudo desaba em silêncio.

Não sofro por um acontecimento.

Sofro porque sinto.

E sentir, para certas almas, é carregar o mundo antes mesm

Há pessoas que atravessam a existência como quem atrave

Olham apenas para o outro lado.

Eu detenho-me sobre cada tábua.

Escuto o rio.

Ela retira o véu das aparências e nos obriga a contemplar aqu
cotidiano.

Nada me parece comum.

Tudo anuncia uma despedida.

As flores já carregam a memória do inverno.

As crianças caminham acompanhadas pelo adulto que ainda

Os amantes despedem-se mesmo enquanto se abraçam.

E cada sorriso traz, escondida entre os lábios, a sombra do s

Durante muito tempo imaginei que essa tristeza fosse uma er

Hoje sei que não.

É apenas uma forma de enxergar.

A melancolia nunca desejou destruir-me.

Apenas recusou permitir que eu aceitasse a superfície das co

Ela ensinou-me que a alma possui profundidades onde nenhu
lançar raízes.

Há uma doçura secreta nesse peso.

Não a do consolo.

Mas a da compreensão.

Aqui, neste porão onde escondo os arco-íris que jamais alcar
parece adoecer.

As horas deixam de caminhar.

Passam a respirar lentamente sobre as paredes úmidas, com
orações para ninguém.

Cada minuto pesa.

Cada segundo deposita mais uma camada de eternidade sob

Às vezes permaneço imóvel durante longos instantes.

Os outros chamariam isso de solidão.

Eu chamo de escuta.

Escuto o rumor das coisas que morreram sem desaparecer.

Escuto o pó conversando com a luz.

Escuto a saudade percorrendo a casa como uma mulher vest

E, entre todas essas vozes silenciosas, escuto a minha própri
pouco, a aceitar o peso de existir.

Talvez eu tenha nascido para isso.

Há almas que florescem sob o aplauso do mundo.

Outras necessitam da penumbra para abrir as próprias pétala

A minha sempre pertenceu às sombras.

Quanto mais profundamente ama, mais gravemente pulsa.

E talvez seja esta a única dignidade concedida às almas que
incólumes pela existência: suportar o excesso da própria sens
se transforme em eternidade.

CAPÍTULO XXIII

A ALQUIMIA DAS LÁGRIMAS SOB A MÚSICA INVISÍVEL.

Há um instante em que a alma deixa de distinguir se aquilo qu
revelação.

Tudo começa em silêncio.

Sempre começa.

Como se a dor, antes de possuir um nome, precisasse caminh
escuros da consciência, procurando o lugar exato onde poder
pelo ruído do mundo.

Foi então que compreendi que o sofrimento nunca é apenas u

É um rito.

Um antigo sacramento celebrado nas profundezas do espírito
consegue permanecer intacta.

Camille Monfort conhecia esse lugar.

Não porque o procurasse.

Mas porque jamais conseguiu abandoná-lo.

Erguia-se.

Verticalizava-se.

Cada lágrima tornava-se semelhante a uma estrela que, ao ca
apagar a própria luz.

Havia uma música que somente Camille parecia escutar.

Nunca soube dizer de onde vinha.

Talvez nascesse entre as vigas antigas deste porão.

Talvez dormisse dentro das paredes úmidas.

Ou talvez fosse apenas o rumor da própria alma conversando
mundo permanecia distraído demais para ouvir.

Essa música não possuía notas.

Possuía ausências.

Cada silêncio era um acorde.

Cada lembrança, uma melodia interrompida.

Cada despedida, uma longa oração sem palavras.

Quando ela passava por mim, eu não escutava sons.

Escutava o peso da eternidade respirando lentamente entre u

As lágrimas já não corriam pelo rosto.

Uma tinta escura escorria da alma para as páginas, escreven
teria coragem de confessar.

Nunca fui eu quem escreveu este livro.

Foram minhas lágrimas.

Cada capítulo nasceu de uma delas.

Cada memória foi lavada pelo seu silêncio.

Cada frase guarda a umidade invisível de um pranto que recu

Talvez por isso estas páginas pareçam respirar.

O papel recorda aquilo que os olhos esqueceram.

Camille nunca foi apenas a inspiração destas linhas.

Era a vigília silenciosa que permanecia ao meu lado quando a
pequena catedral abandonada.

Observava-me sem julgamento.

Esperava.

Sabia que toda dor possui seu próprio tempo de germinação.

Jamais apressou minhas ruínas.

Há uma delicadeza infinita em quem compreende que certos
depois de atravessarem o inverno inteiro.

Sua presença nunca trouxe consolo.

Depois em palavra.

Depois em destino.

Hoje compreendo que toda cicatriz é uma assinatura invisível

Nenhuma delas representa derrota.

São cartas que a existência escreveu sobre nós para que jam
enquanto atravessávamos a noite.

Por isso não desejo apagar minhas feridas.

Seria o mesmo que rasgar as únicas páginas verdadeiras da

Aqui, neste porão onde escondo os arco-íris que nunca nasce
música que ninguém mais parece ouvir.

Ela ainda percorre as madeiras antigas.

Ainda repousa sobre o pó.

Ainda desce lentamente pelas escadas como uma mulher ves

Quando ela chega, não pergunto mais se é Camille.

Algumas presenças tornam-se maiores que os próprios nome

Basta-me fechar os olhos.

Então compreendo que há tristezas que nunca foram feitas pa

Foram feitas para ser transfiguradas.

todos os que caminham sobre suas vigas sem jamais percebe
pés. Ali, onde as cores secas se acumulam como lágrimas pe
ser a única língua capaz de traduzir a dor, ergue-se a presenç

Camille não entra. Camille emerge de todos os lugares e ans
chão, o transforma como antes o contempla. Há nela um teor
se sua alma tivesse sido tecida com os fios mais delgados da
por ostentar mistérios e questões , mas por ser, ela própria, u
mesma. Sua respiração lembra um pergaminho sendo aberto
antigos, portais onde a memória se dói no que não busca, ma
Camille caminha como quem revisita um mundo que nunca a

O porão a reconhece. A madeira parece suspirar. As sombras
como se cada lasca de poeira soubesse que ela não veio ape
verdade que o mundo de cima insistiu em ignorar do seu tão
lembranças e rejeição. Camille, com suas mãos longas e gest
lamentações que ali habitam. Ela sabe que toda escuridão po
destinada só aos eleitos que não se reconhecem ainda e que
das almas que vão se elevando, repleta de histórias que jama

Há uma dimensão antropológica em seu olhar. Camille percel
displicência que escorre das vigas um retrato fiel das estrutur
ignora seus subterrâneos repete a cegueira com que ignora s
porão é mais que um espaço. É um espelho. Ali se desenha a
de acolher o que é frágil, o que não vibra com as luzes artifici
discurso das superfícies.

pertencem apenas ao espaço, mas às consciências que o esc
um lugar. É um estado psicológico já em cuidados. É a parte
tocar.

Camille, porém, não teme. Ela se aprofunda. Seus pensamen
derramando-se como rios noturnos que buscam o mar do ent
como a escuridão se organiza por entre um mundo que se mo
inteligência própria. Ali, na densidade muda e severa, Camille
não apenas dores, mas também uma forma secreta de espera
áspera, ainda sem nome, que pulsa como uma brasa escondi
ignoram.

Ela se aproxima desse pulso. A claridade sutil que emana de
com o negrume gélido do ambiente. É como se a própria noite
nela um renascimento. Camille Monfort , sabe que não é poss
feito de sombra, mas é possível administrar homeopática mer
mais profunda de si mesma. O porão treme, quase imperceptí
pela primeira vez.

E então, pela primeira vez, a cor cinza parece estremecer. Um
inexistente, tenta se soltar das camadas de poeira. Camille o
força, não o arranca, apenas o acolhe. É um lampejo incipient
Não é arco íris. Ainda não. Mas é um gesto. Um prenúncio. U
dos gritos.

Parte II

(por: Joseph Bevouir , com evocação de Camille Marie Monfo

Camille Monfort caminhava entre as frestas do tempo, onde a
de primavera. Seu rosto era um véu de silêncio, e nos olhos t
podia ser dito.

No porão da consciência aquele lugar onde a memória se torn
tênues e luminosas como astros mortos.

Primavera de solidão ainda…

Não te ocultes, Camille.

Tu és o espectro ferido que caminha entre palavras caladas, e
pronunciar, entre os sonhos que se dissipam antes do amanh

És, ao mesmo tempo, o que foge e o que acusa.

És o reflexo e o estilhaço.

És o outro sempre o outro quando julgas não ver a tua própri

Mas ainda assim te vês, refletida nos cacos do espelho que q
próprios dedos.

E nesse gesto de quebrar o espelho há uma prece muda, um
mental. Camille não temia o abismo, pois era nele que repous
indizível com a mesma delicadeza com que se toca o rosto de

O tempo, para ela, não era uma linha era uma espiral. E em c
renascia mais perto da verdade e mais distante de si mesma.

XXXI

“O Círio e o Espelho”

Será que fui eu, Camille, quem te

Ou foste tu quem morreu de mim, exausta das sombras que t

O sangue que escorreu em meu pulso era o mesmo que um c

E, quando o frio tocou a tua pele, foi a minha febre que te cob

_ Sim, talvez eu tenha te assassinado,

não com ferro,

mas com a insistência de querer-te além da carne,

com o desejo que te prendeu ao silêncio do meu delírio.

No espelho do teu túmulo, vejo o reflexo que me acusa

e é o meu próprio rosto.

O assassino e o morto dividem o mesmo corpo,

a mesma lembrança,

a mesma culpa.

Porque, no fim, amor e morte são irmãos e eu, Joseph, sou o

XXXII

Eu caminho por claustros de silêncio,

onde os sinos, outrora plenos, calam-se na eternidade do bro

E, nesse mutismo augusto, é teu nome que ressoa,

como eco de altar sepulto que ainda arde em brasas invisívei

O tempo, em sua lentidão cruel, não logra matar-te em mim;

antes, multiplica-te e cada ausência tua é um universo que na

cada sombra tua, uma constelação que se acende.

Eu não te possuo, mas te celebro; não te toco, mas te elevo.

És meu culto, és meu sacramento, és minha heresia e minha

Se teus passos, um dia, regressarem ao meu destino,

encontrarás não homem, mas templo erguido em sangue e ve

com colunas lavradas em saudade,

e portais guardados por anjos que pronunciam teu nome.

E se não regressares, que seja:

tua ausência não me extingue, apenas me transfigura.

Pois no segredo último do cosmos,

quando os véus forem rasgados e os mundos consumidos em

XXXIII

O Retrato Que o Crepúsculo Se Recu

"Escrever é pintar o invisível com o sangue das próprias ilusõ

Há amores que não morrem.

Retiram-se lentamente da matéria, como a luz que abandona
tarde, permanecendo apenas sobre as pedras frias da memó

Não foi o desamor que levou embora aquilo que um dia cham

Foi o tempo.

Esse escultor invisível que jamais quebra as estátuas de uma
lentamente, até que o mármore comece a confundir-se com a
possuir mais substância do que a própria realidade.

Houve um dia em que pensei amar uma mulher.

Hoje compreendo.

Amava um quadro que minha alma jamais terminou de pintar.

As cores desapareceram primeiro.

Depois vieram os contornos.

Por fim, restou apenas uma claridade difusa, semelhante àqu
rosto muito amado depois que os olhos já esqueceram seus t

O amor perdeu-se entre as tintas.

Descobri que a distância não é um espaço.

É uma morada.

Algumas almas passam a habitá-la como antigos monges viv
Aprendem a conversar com o vazio, a acender velas diante d
abrir-se e a esperar passos que pertencem apenas à memóri

Foi ali que encontrei Camille.

Não diante de mim.

Dentro da ausência.

Há presenças que somente se revelam quando deixam de po

Quanto mais distante ela se tornava, mais profundamente hal

Era como se a perda cavasse dentro de mim uma câmara se
pudesse respirar sem ser perturbada pelo mundo.

Compreendi, então, que toda obra nascida da dor possui uma
sobreviver ao seu criador.

Talvez porque a tristeza seja mais paciente do que a alegria.

A alegria floresce.

A dor permanece.

Ela senta-se ao nosso lado durante anos, observando silenci
esquecer aquilo que já se tornou parte da nossa própria pele.

Existe uma maldição escondida na lucidez.

Talvez toda arte seja apenas uma tentativa desesperada de ir
completamente.

Mas o tempo sempre vence.

O que permanece não é a matéria.

É o vestígio.

O quadro continua existindo muito depois que a mão abandon

Assim também acontece com o amor.

Ele deixa de pertencer aos dias para tornar-se uma paisagem

Já não deseja possuir.

Deseja apenas permanecer.

Há quem diga que o luto termina.

Nunca acreditei nisso.

O verdadeiro luto apenas muda de linguagem.

Primeiro é lágrima.

Depois torna-se silêncio.

Mais tarde transforma-se numa serenidade tão profunda que
eternidade.

Aprendi a contemplar minha saudade como quem contempla
rachaduras.

Ela cobre os rostos com a delicadeza do crepúsculo, dissolve
coração aquilo que a realidade nunca conseguiu conservar.

Agora compreendo por que continuo escrevendo.

Não procuro ressuscitar o passado.

Procuro apenas acompanhar, com palavras, a lenta secagem
continuam depositando sobre esta velha tela chamada existê

Aqui, neste porão onde escondo os arco-íris que jamais nasc
voltado para a escuridão.

Sobre ele não existe retrato algum.

Existe apenas uma tela vazia.

Os outros acreditariam que nunca foi pintada.

Enganam-se.

Foi o tempo quem lhe roubou as cores.

Mas há pinturas que continuam existindo para aqueles que ap
coração fatigado.

Todas as noites permaneço diante dela.

Não para terminar a obra.

Alguns quadros alcançam sua perfeição justamente porque p

Talvez também o amor seja assim.

I — O ATELIÊ DO SILÊNCIO.

Joseph,

Há um instante em que a alma se cansa de distinguir a dor da

Tudo passa a possuir o mesmo peso.

O mesmo frio.

A mesma eternidade.

Entro neste porão como quem atravessa a nave de uma igreja
sob meus pés, não porque estejam velhas, mas porque tambe
por aqui passou. Sobre o cavalete permanece o quadro.

Sempre o mesmo.

Sempre inacabado.

Pintei teu rosto tantas vezes, Camille, que já não sei se procu
impedir que o tempo apague a minha.

As tintas secaram.

Minhas lágrimas, não.

Cada pincelada tornou-se uma despedida.

Cada sombra, uma oração.

Cada silêncio, uma tentativa inútil de convencer a matéria de

Às vezes imagino ter libertado tua imagem da tela.

Não sabem que eles conservam apenas aqueles que perman

Olha novamente para a tela.

Não sou eu quem te observa.

É tua própria solidão aprendendo a possuir um olhar.

Enquanto procuravas minhas feições, foste apagando lentam

E foi assim que nos aproximamos.

Não pela matéria.

Mas pela ausência.

II — O OLHAR QUE NÃO APRENDEU A PARTIR.

Joseph,

Existe algo de profundamente humano em amar aquilo que já

Talvez seja loucura.

Talvez seja fidelidade.

Já não consigo distingui-las.

Teu olhar permanece imóvel sobre a tela, mas cada noite me

Há noites em que ele me absolve.

Outras em que me condena.

Esse lugar onde a razão exige explicações para aquilo que na
permanecer inexplicável.

Camille,

Não procures minha cor.

A ausência não possui cor.

Possui transparência.

Sou feita daquilo que teus olhos já não alcançam.

Se ainda me buscas sobre a tela, continuarás acreditando qu
aquilo que pertence ao invisível.

Fecha os olhos.

É ali que ainda caminho.

Nem todas as presenças desejam ser vistas.

Algumas apenas esperam ser reconhecidas.

III — A FILOSOFIA DAS SOMBRAS.

Joseph

A realidade jamais conseguiu terminar obra alguma.

Tudo nela envelhece.

Tudo nela se desfaz.

Continua pintando rugas sobre as paredes, poeira sobre os m
corações.

Camille

Não acuses o tempo.

Ele apenas recolhe aquilo que a matéria já não consegue sus

És tu quem insiste em procurar eternidade onde tudo foi criad

O amor não fracassou porque me perdeste.

Fracassaria apenas se deixasses de amar.

Enquanto teu coração ainda pronuncia meu nome sem neces
terminou.

A matéria chama isso de ausência.

A alma chama de permanência.

IV — A MOLDURA DA ETERNIDADE

Joseph

Às vezes imagino meu próprio funeral.

Não me assusta a morte.

Assusta-me o instante em que alguém retire este quadro da p
ele jamais foi concluído.

Talvez digam que faltou coragem.

Nem o silêncio que um dia repousará sobre este porão.

As obras verdadeiras nunca pertencem aos museus.

Pertencem às almas que continuam contemplando aquilo que

Quando tua mão abandonar definitivamente o pincel, não ser

Será apenas o momento em que ela deixará de existir sobre a
pintada na eternidade.

E quando alguém, muitos anos depois, atravessar este porão
nunca houve arco-íris entre estas paredes, talvez encontre ap
de poeira e silêncio.

Pensará que nada foi criado aqui.

Enganar-se-á.

Porque as obras mais profundas jamais se deixam ver.

Elas permanecem invisíveis.

Como o amor.

Como a saudade.

Como nós.

E, enquanto houver um coração disposto a atravessar a noite
nunca terminou de nascer, nem eu nem tu conheceremos ver

XXXV

Nos olhos dela havia o oceano e o abismo, a ternura e a dor

Uma única lágrima formou-se, hesitante, e deslizou por sua fa
tivesse esculpido.

Ao cair, não se ouviu som. Apenas um perfume leve se espall
saudade que cura. E, no instante em que a gota tocou o solo,
soprando pelas janelas abertas.

Tudo o que era sombra pareceu recolher-se.

E ele, que antes chorava em silêncio, sentiu a dor dissolver-s

Camille aproximou-se. Sua voz era quase um sussurro que o
ouvido:

— As lágrimas, meu amado, são sementes de eternidade. Ela
que se oferece em amor torna-se bálsamo para o mundo.

Então, desapareceu lentamente, como se se recolhesse ao p

Mas o perfume ficou.

E, sobre o piano, onde antes havia apenas o vazio, repousava
cintilando à luz da madrugada a lágrima de Camille guardand
chorou pelo amor e curou pela alma.

“Há dores que não se apagam; transmutam-se em luz, e ness
espíritos se reconhecem.”

XXXIV

A Avena do Pastoril e os Segredos de Camille Monfort.

A cada gota, não havia lamento, mas consagração. O que an
em rito: lágrimas como orvalho, lágrimas que banhavam o inv
ar, terra, água, consagrando Camille ao cosmos.

Tão sutil, tão oculta... Camille não se deixava apreender senã
sonho. Seu ser era como uma chama que os olhos podiam ve
habitava um mistério quase mineral e vegetal, como se não fo
mas também das rochas, das árvores e das estrelas.

E foi então que Joseph Bevoiur surgiu, não como alguém que
apenas a acompanhava no mesmo compasso secreto. Juntos
inefável, e toda beleza que se conhecia, seja na vida, seja na
beleza que ambos encarnavam.

Era como se a própria existência, em seu desfecho mais lúgu
estética: a beleza em morte não mais horrenda, mas coroada

Porque diante deles, diante de Camille e Joseph, a fronteira e
dissolvia-se. Os instantes tornavam-se espectros coloridos, ca
humano já não distinguia se ali havia um casal, uma visão ou
dois seres: eram a fusão de vozes, de silêncios, de mistério.

Naquele cenário, o sopro da avena pastoril não apenas music
arabescos invisíveis no ar, contorcendo o espaço, abrindo fre
suspenso: o horizonte curvava-se, os contornos dissolviam-se
tornava-se psicodélico, não pelo excesso, mas pela sutileza.

Era como se a própria beleza, eterna fugitiva, tivesse escolhid
Monfort e Joseph Bevoiur. Não nos livros, não nas catedrais,
ou nos quadros dourados, mas nos olhos marejados, nos lábi
abismavam no inefável.

meu esqueleto seco, jazo no cemitério mais belo ou numa co
vivida, mas sentida apenas como ameaça.

Se me fosse dado ouvir o teu coração uma vez ainda! Num ú
meu cosmos, órfão de sentido se ergueria em vibração, como
redimida. Mas o que é a eternidade senão a repetição do mes
eterno retorno é o peso do destino". E eu, condenado, repito a

Aqui, no compasso da marcha fúnebre, o leitor sente o estran
clama o salto no abismo, mas como saltar sem fôlego? Schop
impulso cego que nos arrasta, nunca se sacia. E eu, náufrago
sustenta e o mergulho que não absolve. A vida é cárcere, a li
talvez - seja apenas o silêncio que continua.

Por quem chora a vida? Por quem se arrasta a morte?

Tudo é réquiem. Tudo é compasso. Tudo é silêncio que grita.

Platão diria que a beleza é a lembrança do que vimos no mun
mais: és a beleza que rasga, não que consola. És a ideia que
ilumina, mas cega. Tu és a ferida que me sustenta.

E por isso sei. Sei para quê é este trabalho: para sustentar a
transformar a falta em filosofia, para que o leitor não se escon
seu. E sei para quem é: é para ti, Camille Monfort, crisálida em
É também para mim, Joseph Bevoiur, que só existo na tua au

E quando retornas, não voltas como lembrança, mas como de

Não és memória. És condenação.

E eu te aceito, porque não há outro modo de existir senão mo

Cada lágrima é o peso da eternidade.

Cada gota cai como martelo na rocha da mente.

Tudo retorna, tudo retorna, tudo retorna.

A morte retorna.

O amor retorna.

O pranto retorna.

Até o nada retorna.

O adagio é lento, é grave, é inexorável.

Os violinos se arrastam como ossos que roçam entre si.

O piano é um túmulo fechado, cujas teclas são pedras frias.

E eu, Joseph Bevoiur, não ouço música: ouço gemidos que se

II – Scherzo Insano (a dança do abismo)

O compasso acelera.

O compasso enlouquece.

O compasso esmaga.

É riso que não é riso.

É dança que não é dança.

Mil bocas gritam ao mesmo tempo.

Mil olhos me observam sem piedade.

E Camille, tu danças no centro, não como salvação, mas com

III – Andante Claustrofóbico (a mente que se racha)

Agora tudo aperta.

Agora tudo sufoca.

Agora tudo prende.

O andante é lento, mas é prisão.

As notas não se expandem, elas se fecham como grades.

O ar não entra, o ar não sai.

A respiração é cinza, cinza, cinza.

A mente se racha.

O cérebro é tambor que estoura por dentro.

Os pensamentos são martelos, martelos, martelos.

Não há fuga.

Não há fuga.

Não há fuga.

Cessam os tambores, cessam os violinos, cessam as flautas.

Tudo cessa.

Mas o silêncio grita.

O silêncio grita.

O silêncio grita.

Nietzsche já não chora, sua lágrima virou pedra.

Kierkegaard já não chama, seu salto virou abismo.

Schopenhauer já não ri, sua vontade virou pó.

E eu ergo, ergo, ergo a haste pela última vez.

Não há música.

Não há palavra.

Não há voz.

Há apenas Camille.

Camille é a nota única.

Camille é a crisálida.

A casa era grande demais para uma criança pequena. Os co
guardiões de um silêncio que não se quebrava, mesmo quand
as cortinas dançarem como fantasmas. Camille Marie Monfor
leves, como se temesse acordar a própria casa, que mais par
solidão.

Desde muito cedo, sua infância não se assemelhava à das ou
crianças vizinhas se ocupavam com risos em praças e bonec
sentar-se no sótão, entre livros empoeirados que ela mal cons
com os dedos miúdos, como quem acaricia um segredo. Não
palavras murmurassem dentro dela, em uma língua ainda ina
familiar.

À noite, deitada em seu quarto, Camille sonhava com jardins
espelhos partidos em que não via o próprio reflexo, mas vulto
Havia em seus sonhos algo lúgubre, mas nunca amedrontado

Um dia, encontrou no quintal uma boneca quebrada, de porce
úmido. O rosto rachado da boneca refletia uma dor muda, e C
quem recolhe um ser vivo abandonado. Desde então, guardo
estava só, falava com ela em voz baixa, como se fosse sua co

— Não é feio estar quebrado, é apenas mais verdadeiro.

Essa frase repetida em segredo, dia após dia, moldava sua vi
infância não era um lugar de esquecimento ou de fugas, mas

Sua mãe, distraída em afazeres, estranhava vê-la tão calada.
adultos. Mas não era tristeza. Camille carregava dentro de si
se tivesse sido convocada a escutar os ecos da vida antes qu

Nos raros momentos em que sorria, o riso vinha como relâmp

Camille Marie Monfort, em sua infância velada, nos recorda q
apenas uma promessa de futuro, mas também um fragmento
detalhes mais singelos.

XXXVII

O Coração que Nunca Teve Primavera.

Na luz da minha insanidade te pintei com vários tons de uma
notava que as cores eram você mesma, minha lírica música,
o gosto pulsar frágil e débil do meu coração. Lá em cima, Car
esconde, mas tu vieste procurar guarida onde nada nasce, na
morto.

Camille Monfort é distância, espectro diáfano que não se toca
passa e deixa a pele inquieta. Joseph Bevoiur é desejo, saud
se seu peito guardasse a lembrança de um encontro que jam
sangra como cicatriz invisível. Ele a deseja não como se dese
implora a eternidade por uma brecha em sua própria ausênci

Ela é feita de brumas, de véus intangíveis, de uma claridade
Camille não se oferece, apenas se revela em lampejos, em si
palavras. Joseph, ao contrário, é o humano em ruínas, a carn
repouso, um errante do tempo que se reconhece naquilo que

Entre ambos se ergue a fatalidade: um não pertence ao espa
instante. Ela é o que não pode ser tocado, ele é o que não sa
contraposição de ausência e busca, constroem um amor impo
lembranças que não existiram, de saudades de futuros que ja

E quando o silêncio os envolve, é como se todo o universo se

O ARCO-ÍRIS QUE SEMPRE EXISTIU NO PORÃO.

Durante toda esta caminhada, talvez o leitor tenha acreditado
uma história de amor.

Não estava.

Também poderá imaginar que este livro fala sobre perdas, de

Também não.

Camille Monfort nunca foi apenas uma mulher.

Joseph Beauvoir nunca foi apenas um homem.

Ambos representam as duas forças que coexistem em cada s
na própria dor e aquela que, silenciosamente, aprende a trans

Este livro nasceu para conduzir o leitor por corredores escuro
tristeza, mas para revelar que ela jamais constitui um destino
e a incompreensão aparecem aqui como estados psicológicos

Existe uma diferença profunda entre sentir a dor e construir u

Joseph percorreu exatamente esse caminho.

No princípio, acreditava amar Camille.

Ao final, descobriu que amava a imagem que havia construíd

Sua maior prisão não era a ausência da mulher amada.

Era a incapacidade de perceber que toda perda externa apen
que já existia.

As culpas.

As memórias.

As obsessões.

As idealizações.

A revolta.

A saudade.

O vazio.

Tudo isso constitui regiões legítimas da experiência humana.

Entretanto, nenhuma delas é o destino final.

O verdadeiro objetivo desta obra sempre foi psicológico e intr

Convidar o leitor a reconhecer suas próprias Camilles.

Seus próprios Josephs.

As pessoas que perdeu.

As lembranças que idealizou.

As dores que alimentou.

As culpas que jamais confessou.

Os sonhos que abandonou.

O porão do título nunca foi um lugar físico.

É aquele espaço escondido dentro de nós onde guardamos a
compreender, os afetos interrompidos, as perguntas sem resp
tiveram coragem de cair.

E o arco-íris?

Ele sempre esteve ali.

Jamais apareceu porque o porão permanecia fechado.

Quando Joseph abriu a porta da própria consciência, descobr
entrar.

Ela já habitava aquele lugar desde o início.

Apenas aguardava que alguém tivesse coragem de olhar.

Se este livro conseguiu conduzir o leitor a uma única pergunta
sua missão foi cumprida.

Se alguma lembrança encontrou paz.

Se alguma culpa começou a transformar-se em aprendizado.

Se alguma lágrima deixou de ser desespero para tornar-se te

Então Camille sorriu mais uma vez.

E Joseph finalmente descansou.

Porque toda grande obra de arte termina onde a vida realmen
deixamos de lutar contra nossa própria humanidade e passar

Ela apenas espera o tempo certo para florescer dentro daque
vivendo.

Marcelo Caetano Monteiro.

"Não há arco-íris no porão enquanto a alma insiste em viver c
gesto de coragem para descobrir que a luz jamais esteve do l
aguardou, silenciosa, no lugar mais profundo de nós mesmos

CAPÍTULO FINAL.

O HERBÁRIO DA AUSÊNCIA
dos Amendoins de Camille.

Ao terminar estas páginas, talvez o leitor descubra que nunca

Talvez jamais tenha existido uma casa.

Nem mesmo uma infância.

Existiu apenas um lugar sem geografia onde toda alma depos
consegue compreender.

Chamamos esse lugar de memória.

Chamamos esse lugar de silêncio.

Neste livro, chamamo-lo simplesmente de **porão**.

Sempre pertenceu ao mundo das permanências.

Joseph caminhava.

Camille permanecia.

Joseph perguntava.

Camille tornava-se a própria pergunta.

Durante toda esta obra, acreditou-se que ambos dialogavam.

Era apenas uma impressão.

Na realidade, Joseph era a voz que procurava compreender.

Camille era o silêncio que compreendia antes mesmo das pal

Ele era a consciência.

Ela era o símbolo.

Ele era o pensamento.

Ela era a poesia anterior ao pensamento.

Nunca foram dois.

Assim como nunca existem dois espelhos quando um reflete

Há leitores que acreditarão que Camille representa a infância

Sua verdadeira natureza é escapar.

É por isso que sua imagem nunca possui contornos definidos

Ela é feita das mesmas substâncias que compõem as lembra

Quando tentamos segurá-las...

elas tornam-se névoa.

E as cores...

Ah...

as cores de Camille.

Por que sempre surgem desbotadas?

Porque as cores deste livro nunca foram pigmentos.

Foram estados da alma.

O branco dos lírios não era pureza.

Era o silêncio antes da primeira lágrima.

O cinza dos corredores era o cansaço das lembranças.

O azul profundo era a distância entre aquilo que sentimos e a

O dourado aparecia raramente.

Por isso sua presença jamais podia ser descrita.

Ela precisava ser sentida.

Muitos perguntarão sobre os amendoins.

Por que amendoins?

Por que não rosas?

Por que não estrelas?

Porque as grandes verdades quase nunca escolhem os símb

Escolhem aquilo que parece pequeno.

Os amendoins de Camille não alimentavam o corpo.

Alimentavam aquilo que sobrevive quando todas as palavras

Eles nasciam dos lírios mortos.

Não por perversidade.

Mas porque toda beleza verdadeira precisa atravessar uma fo
tornar-se eterna.

Cada amendoim era uma pequena semente daquilo que não

Um afeto interrompido.

Uma infância esquecida.

Mesmo quando tudo parece terminado.

Joseph demorou quase uma vida inteira para compreender is

Enquanto procurava jardins...

Camille recolhia sementes.

Ela sempre soube que os jardins desaparecem.

As sementes permanecem.

Talvez seja por isso que nunca houve arco-íris naquele porão

Não porque faltasse esperança.

Mas porque o arco-íris pertence ao céu.

E este livro jamais aconteceu no céu.

Aconteceu dentro da alma.

E a alma possui outra meteorologia.

Nela, a chuva nem sempre produz cores.

Às vezes produz lucidez.

Às vezes produz silêncio.

Às vezes produz Camille.

Ela continuará caminhando lentamente entre corredores invis

Colhendo seus pequenos amendoins.

Observando lírios que ninguém mais consegue ver.

Vestindo suas cores impossíveis.

Esperando leitores que descubram, tarde demais, que também
houve arco-íris.

E quando esse instante chegar...

não haverá despedida.

Porque Camille nunca entrou.

Ela sempre esteve ali.

Silenciosa.

Esperando que alguém tivesse coragem suficiente para recor
nasce exatamente no lugar onde acreditávamos existir apena

CONCLUSÃO.

O Compromisso do Autor.

Há livros que desejam responder às perguntas de seus leitore

esperanças que continuam respirando mesmo quando acredi
justamente por isso, a ausência do arco-íris não significa a au
apenas que existem luzes que não pertencem ao olhar, mas a
sensibilidade.

Como autor, assumo um compromisso simples e sincero: jam
verdades, manipular consciências ou oferecer respostas pron
escrever com honestidade estética, respeito ao leitor e fidelida
Cada símbolo, cada silêncio e cada metáfora desta obra foram
significados diferentes em cada pessoa que a percorra.

Se, ao fechar este livro, o leitor sentir que caminhou por corre
de si; se recordar uma memória esquecida, uma ausência ain
uma esperança discreta que resistiu ao tempo, então estas pa
finalidade.

A literatura não transforma o passado, mas pode transformar

E talvez seja essa a sua forma mais delicada de eternidade.

Agradeço profundamente a todos os que aceitaram descer co
cada um retorne à superfície levando consigo não respostas,
para perceber que, mesmo onde não há arco-íris, ainda pode
invisíveis e uma beleza que apenas o silêncio é capaz de revel

Marcelo Caetano Monteiro.

Que esta obra siga seu caminho não como um livro que se en
silenciosa que continua dialogando com cada leitor muito dep

25 de dezembro de 2025.

Manhumirim – Minas Gerais.

DISSERTAÇÕES PSICOLÓ
NÃO HA
ARCO-ÍR
NO MEU PO